



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM DE UM SUJEITO COM SÍNDROME DE DOWN

Nayra Marinho Silva⁵⁷
(UESB)

Nirvana Ferraz Sampaio⁵⁸
(UESB)

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires⁵⁹
(UESB)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o processo de constituição da subjetividade na linguagem de um jovem com síndrome de Down, com base nos pressupostos da teoria bevenistiniana. Tencionamos, também, apresentar como se formaram os caminhos trilhados por esse jovem na apropriação da linguagem, dito de outra forma, da sua passagem de um “não-sujeito” para um sujeito subjetivo na linguagem. Para tanto, selecionamos alguns episódios ocorridos ao longo do estudo longitudinal, que ainda está em andamento, desenvolvido com o sujeito JR, com sessões semanais que ocorrem duas vezes por semana. Os resultados demonstram que nessa fase do estudo, JR conseguiu apropriar-se da linguagem e constituir-se na relação eu/tu conforme expõe a teoria de Benveniste. Acreditamos que tal ação contribui, significativamente, para JR agir discursivamente na linguagem e, por conseguinte, no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, Subjetividade, síndrome de Down.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, UESB, Integrante do Grupo de Pesquisa Linguagem e Síndrome de Down, Fala Down, CAPES. E-mail: nmsilva06@hotmail.com

** Prof^ªDr^ª lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL. E-mail: nirvanafs@terra.com.br

*** Prof^ªDr^ª lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL. E-mail: carlaghipires@hotmail.com

57

58

59



INTRODUÇÃO

A síndrome de Down (SD) é uma condição decorrente da trissomia do cromossomo 21, não apresentando graus de acometimento, e sendo irreversível por sua condição genética, em virtude da alteração orgânica ocorrida na fase de desenvolvimento embrionário (STRATFORD, 1989). De acordo com Dr. ZanMustacchi (2015), no Brasil a estimativa é de uma ocorrência para cada 600/700 nascimentos.

Quantos aos aspectos biológicos da síndrome de Down, a criança com SD apresenta traços físicos definidos que podem ser vistos em ultrassonografia, ou logo após o nascimento, como: “inclinação oblíqua dos olhos, presença de prega palmar única, face achatada, hipotonia generalizada, problemas cardíacos e respiratórios, deficiência mental” (GHIRELLO-PIRES e LABIGALINI, 2010, p. 359). Uma vez que a síndrome de Down é de fundo genético, como já foi dito, possui um caráter não progressivo e um padrão comum de ocorrência. Logo, não é possível admitir indivíduos com maior ou menor manifestação da síndrome.

Cumprе salientar que esse conjunto de traços pode permitir que um olhar homogêneo seja lançado sobre os sujeitos com síndrome de Down, desconsiderando assim, a singularidade de cada um e formulando paradigmas deterministas, preconceitos em torno dessa condição. Contudo, a SD não padroniza o aprendizado dos sujeitos que a possuem nem uniformiza as características físicas. Dito de outra forma, essas crianças, como as demais, nascem com a carga genética da mãe e do pai, e com os traços físicos semelhantes aos seus progenitores. Notamos que as suas características, contexto familiar e o aprendizado se dão de maneira heterogênea, assim como ocorre com a população dita “normal”. Dessa forma, todas as crianças, apresentando um desenvolvimento típico ou não, passarão pelas mesmas etapas de aquisição, os caminhos que poderão ser diferentes. Segundo Scarpa (2001), crianças com Síndrome de Down passam pelos mesmos processos de aquisição que crianças que não apresentam a síndrome, contudo muito mais lentamente.



As crianças/jovens com SD são consideradas de risco para aquisição e desenvolvimento da linguagem por apresentarem dificuldades motoras e cognitivas. Não se pode desconsiderar a existência de tais fatores, mas não podemos tomá-los como obstáculos para a entrada desses sujeitos na linguagem, pois o desenvolvimento depende também das condições culturais, do contexto familiar, da valorização do sujeito e não da patologia. Diante disso, oportunizando a essas crianças as condições necessárias para o progresso, elas podem avançar e se apropriarem da linguagem.

Quanto aos aspectos metodológicos, o nosso estudo é de cunho longitudinal e, sobre a coleta dos dados que constitui o corpus dessa pesquisa, fizemos um recorte visto que o estudo ainda está em andamento, eles foram coletados em situação espontânea durante encontros ocorridos semanalmente, com duração de duas horas. O fio condutor que orienta nossa pesquisa baseia-se no trabalho do historiador Carlo Ginzburg (1986). Para ele, dado que a realidade é opaca, devemos nos valer de pistas, indícios para compreendermos a realidade dos fatos. O presente autor apresenta o seu modelo de análise, paradigma indiciário, edificado no singular, no resíduo. Esse modelo não desconsidera a importância das regularidades, entretanto, diante dos dados, desperta no pesquisador o olhar para certos indícios que “escapam” do regular, voltando-se à singularidade dos dados.

Com base nisso tencionamos analisar como se deu o processo da passagem de JR de um “não-sujeito” para um sujeito subjetivo e apoderado da linguagem, tal como formulado por Émile Benveniste. Como, então, ocorreu esse processo de constituição para nosso sujeito JR? O resultado desse trabalho e a teoria que o edificou, passamos a apresentar, agora.



CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE SAUSSURE A BENVENISTE, UMA BREVE EXPOSIÇÃO

A respeito dos estudos sobre a língua e a linguagem, mencionamos o trabalho de Ferdinand de Saussure, pois sabemos que por meio dele a Linguística passou a ser uma ciência autônoma tornando-se científica. Segundo Benveniste (1988), “Saussure afastava-se da sua época na mesma medida em que se tornava senhor da sua própria verdade, pois essa verdade o fazia rejeitar tudo o que então se ensinava a respeito da linguagem” (p.40). Notamos, assim, o empenho do genebrino para configurar e definir os caminhos da nova ciência.

Destacamos o Curso de Linguística Geral (1916) que foi publicado postumamente pelos alunos Bally e Séchehaye. Nessa obra, Saussure discutiu profundamente a noção de valor, bem como apresentou um estudo dicotômico, “a distinção [linguagem] língua x fala, a distinção forma x substância, a noção de pertinência, e as noções de significante, significado e signo” (ILARI, 2004, p.57). O genebrino é visto por Benveniste como o homem dos fundamentos, dado que o estruturalismo cunhado por ele possibilitou o surgimento de outras correntes estruturalistas, bem como de outros estudos. Em outras palavras, Saussure tornou-se um discurso fundador para muitos estudiosos como o próprio Benveniste, Jakobson, Hjelmslev, entre outros.

É notório também na análise da língua desenvolvida pelo genebrino, o corte saussuriano que não admite a relação de um estudo entre a língua e o mundo, constituindo uma abordagem não referencialista, posto que o olhar volta-se para o sistema, a língua em sua ordem própria. Contudo, isso não significa que Saussure não reconhecia o sujeito, ele apenas optou, possivelmente por motivos metodológicos, não lidar com o sujeito real em virtude de sua complexidade psicológica, sociológica, antropológica.

No que diz respeito à Linguística concebida por Benveniste, segundo Santos, o linguista francês admite a língua “como estrutura e, ao mesmo tempo, transcende essa posição, inaugurando, com um método próprio uma Linguística da Enunciação, na qual a



subjetividade e a significação figuram como elementos fundamentais da análise” (SANTOS, 2007, p.36).

Ele assume, assim, “a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem” (BENVENISTE, 1958, p. 289). Cabe salientar que apresentamos os posicionamentos desses estudiosos não como contrários, pois como já foi dito o próprio Benveniste partiu dos postulados de Saussure para edificar sua teoria, ampliando a visão de um sujeito linguístico, do signo na enunciação. Apontamos o olhar do linguista francês sobre o sujeito e a sua relação com a língua em uso que interessa-nos neste trabalho. E, sobre isso, comentaremos, a seguir.

BENVENISTE E A SUBJETIVIDADE

Para Benveniste, uma das funções principais da linguagem é a significação, em função do sujeito, propondo uma linguística edificada com base em “conceitos de enunciação e subjetividade na linguagem”. (SANTOS, 2007,p. 37). Para ele, o sentido reside na própria língua em uso. Isso remete ao estudo do autor sobre a enunciação e a maneira que ela e as suas representações são concebidas por meio da categoria de pessoa. O presente autor trata a língua considerando dois níveis, o semiótico e o semântico, dado que o primeiro está para o sistema de signos, ao passo que o segundo para o discurso.

Quanto à enunciação, ela é definida por Benveniste enquanto o colocar da língua em funcionamento por um ato individual de utilização, antes dela a “língua não é senão possibilidade da língua” (BENVENISTE, 1989, p.83). O autor articula as condições necessárias da enunciação: um locutor que atinge um ouvinte, considerando o ato de enunciar, o contexto no qual se dá e os instrumentos de realização, como também a referência que é parte integrante do mencionado processo. Em outras palavras, o que assinala a enunciação é “a relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 1989, p. 87).



O locutor se enuncia como tal e ao fazê-lo requer um alocutário, logo, apropriam-se da língua na instância do discurso. Podemos dizer que as posições locutor e alocutário se resumem na relação eu / tu. Assim, observamos a necessidade da categoria de pessoa para a enunciação, bem como para compreensão da noção de subjetividade. No que diz respeito à subjetividade, ainda com base no referido linguista, ela “é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 1988, p.286). Ela fundamenta-se sobre bases que legitimam a sua relação com a enunciação. Dito de outra forma, a subjetividade baseia-se na correlação entre as formas linguísticas eu/tu, posto que a categoria de pessoa constitui a subjetividade e, ao mesmo tempo, é constituída por ela; na temporalidade, pois com ela a subjetividade se revela via exercício da linguagem.

O homem se realiza na linguagem e pela linguagem, logo não se pode concebê-la sem o exercício da subjetividade. A linguagem ordena-se de tal forma que é possível a cada locutor “apropriar-se da língua toda, designando-se como eu” (BENVENISTE, 1988, p.288). Dessa maneira, interessa-nos discutir mais a respeito da noção de pessoa e a sua relevância para a enunciação. Assim, o locutor é o indivíduo que materializa o eu no discurso, inserindo uma situação de ‘alocução’, na qual emerge o tu enquanto indivíduo alocutado e ambos definem as suas posições na linguagem conforme enunciam, seguem intercaladamente propondo-se como sujeitos. Cumpre salientar que o eu e o tu “não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso” (BENVENISTE, 1988, p. 281). Com isso observamos como as categorias de pessoa estão intimamente ligadas ao próprio exercício da linguagem.

No que concerne a terceira pessoa – ele – revela o membro não marcado de pessoa, segundo Benveniste, é uma ‘não-pessoa’ dado que representa nada mais que uma invariante não pessoal, isto é, o ele é desprovido da “correlação de personalidade” que marca o eu / tu. Em outras palavras, a terceira pessoa não determina nada nem ninguém e em virtude disso, atribuir-lhe a noção de pessoa é questionável. Afinal, o “eu”



pode ser tomado como quem fala; “tu” para quem o eu se dirige, “ele” por sua vez, pode ser uma “infinidade de sujeitos ou nenhum”(BENVENISTE, 1988,p. 253). Dessa forma, o “ele” se opõe ao par eu/ tu pela ausência do que qualifica as posições do locutor e alocutário na linguagem.

Partimos da perspectiva de Benveniste, pois esse autor apresenta ricas reflexões sobre a subjetividade na linguagem e como a constituição dela é importante para o homem. A respeito das crianças com deficiência, como o sujeito de nossa pesquisa, não é diferente, sobretudo para que elas internalizem o jogo da linguagem, ou seja, compreender quem fala e para quem na instância do discurso.

A seguir, apresentamos o sujeito de nossa pesquisa e como a conduzimos.

METODOLOGIA

Esse estudo faz parte do projeto de pesquisa “A Aquisição da Escrita em Sujeitos com síndrome de Down: Similaridades e Especificidades nesse Processo e o Papel do Mediador”, avaliada e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CAAE 29933114.7.0000.0055.

O sujeito deste estudo é JR, um jovem de quinze anos com SD que participa do Grupo de pesquisa e estudos em Linguagem e síndrome de Down- Fala Down, desde 05/2012. Após avaliação, foi observado que ele fazia algumas correspondências entre grafema e fonema, escrevia seu nome de maneira mecânica, foi visto também a ocorrência de uma fala telegráfica e ao realizar os enunciados, nosso sujeito não se colocava na primeira pessoa, utilizando o nome próprio ou pronome de terceira pessoa, em detrimento do “eu” ao exprimir suas vontades.

Essa pesquisa se realiza no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística, Lapen, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), durante encontros que ocorrem duas vezes por semana, com duração de uma hora cada atendimento. Ela é de cunho longitudinal, selecionamos apenas um recorte, dado que

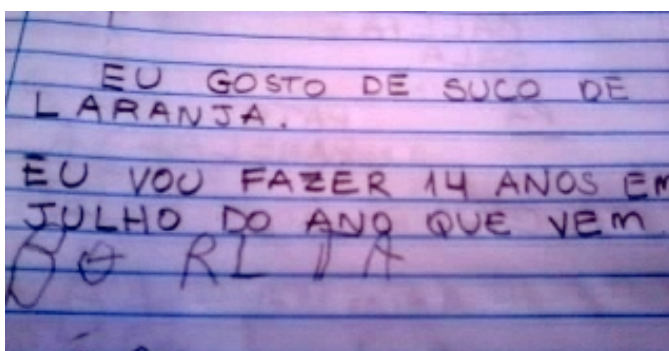
ainda não foi finalizada. Partimos, conforme foi dito anteriormente do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg na busca por dados singulares, que escapassem do regular. Quanto ao procedimento, durante os encontros desenvolvemos atividades de leitura e contagem de história, narrativas, escrita e reescrita de canções, bem como acontecimentos vivenciados e relatados por JR e que são e escritos pelas pesquisadoras. Assim, um trabalho de intervenção foi pensado voltado às necessidades de JR para possibilitar-lhe essa mudança para apropriar-se da língua utilizando o “eu”.

Passemos à análise dos dados.

APRESENTAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO

Como já foi mencionado, JR não utilizava o pronome “eu” para se referir a si próprio, anteriormente era comum em sua fala realizações como “João e mamãe foi UESB”, para “eu e minha mãe fomos à UESB”, “mãe dele ligar Carla” para “minha mãe ligou para Carla”, ou ainda, “ele e mamãe casa tem” para “eu e minha mãe estávamos em casa”.

Em um dos atendimentos, JR diz gostar de suco de laranja, mas não utiliza o “eu”. Adotamos a escrita como instrumento para que ele observasse a necessidade do emprego mais adequado. Na figura 1, as pesquisadoras escrevem o que JR havia dito para que ele pudesse acompanhar e internalizar o uso do eu.



Fonte: Coleta de dados do pesquisador.

Optamos por escrever fatos relacionados às vivências do participante da pesquisa, dado que isso supõe uma prática significativa, por conter informações relevantes da própria experiência dele, tencionando que ele associe que o “eu” proferido diz respeito a si mesmo.

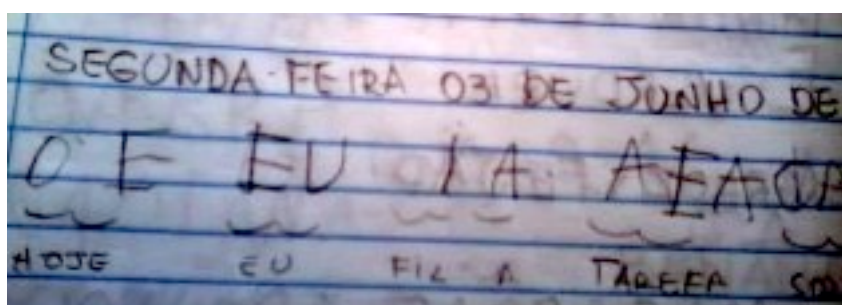


Figura 02: Tentativa de escrita de Jr sobre um fato de seu cotidiano

Fonte: Coleta de dados do pesquisador.

Nesta figura, apresentamos uma escrita feita espontaneamente por JR (HOJE EU FIZ A TAREFA), notamos que ele já se apropria do “eu” na escrita, e já adotava também na fala não estando mais distante da enunciação. Isso nos aponta os avanços conquistados por JR quando rememoramos sua trajetória até então no laboratório, quando ele não fazia uso do eu em nenhuma instância. Trazemos, ainda, o dado 3 que ocorreu em uma situação de leitura da história “Dia de Ventania”, de Walt Disney. Após a leitura, solicitamos a JR que lesse e nos recontasse a história, e dessa prática resultou a transcrição de uma fala descrita a seguir, que demonstra a consolidação do uso do “eu” por nosso sujeito.

Dado 3 (06/08/14):

InvNM: Lê pra mim essa história.

JR: Eu não.



InvNM: À tarde leremos essa história de novo e tem o filme sobre ela também. Eu vou trazer pipoca.

JR: Te:m?!

InvNM: Sim. Você gostou da história, JR?

JR: Eu? Gostei. Eu vou ligar Geisa (Conhecida de JR).

InvNM: Não, esquece de ligar, agora vamos escrever.

JR: Eu vou ligar. Eu ligo ela.

InvNM: Nós vamos escrever algumas palavras da história. Escreve “dia”, como você acha que começa?

JR: Viu NM.

Neste trecho observamos que JR se apropriou do jogo da linguagem, circulando por essa relação mútua eu / tu, ou seja, ele passou alternadamente pelas posições da linguagem não se fixando somente no signo “eu”. Foi locutor e também alocutário, exerceu a subjetividade e tornou-se sujeito legitimado por ela, declarando suas vontades, como está exposto na sua insistência para ligar que ele declara três vezes: “eu vou ligar Geisa, eu vou ligar, eu ligo ela”. E, ainda, reconheceu o uso do “ele” expresso por meio do pronome ela, pois JR demonstrou conhecer as pessoas do discurso. Ele revelou-se atuante no exercício da língua tirando-a do nível da possibilidade.

CONCLUSÕES

Nosso trabalho mostrou que a linguagem se revela, em sua totalidade, por meio do sujeito que se posiciona exercendo, assim, a própria língua. Podemos dizer que a entrada de JR na escrita contribuiu significativamente para que ele organizasse seu dizer e, por conseguinte, internalizar o uso funcional do eu e a relevância disso para sua própria constituição enquanto sujeito. Após o acompanhamento no laboratório, JR apresentou muitos progressos, mas muito trabalho ainda necessita ser feito para auxiliá-



lo em outras questões, como por exemplo, a realização da sua fala que em dados momentos é bastante telegráfica.

Consideramos que a intervenção auxiliou JR nesse processo de transição da terceira pessoa, não-pessoa, para o “eu”. Esse passo dado por ele configura um avanço muito importante para conquista da sua autonomia, pois por meio do uso da linguagem ele pode enunciar suas vontades, refutar o que não concorda posicionando-se enquanto locutor e deixando emanar a subjetividade na linguagem que é inseparável do homem, e segue-o em todos os seus atos.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1988. Edição original: 1966.
- BENVENISTE, Emile. O Aparelho Formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.p. 81-90. Edição Original: 1974.
- GHIRELLO-PIRES, Carla Salati Almeida; LABIGALINI, Ana Paula Vila. Síndrome de Down: funcionamento e linguagem. In: COUDRY, Maria Irma Hadler; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ANDRADE, Maria Lúcia Fabrício de Andrade; SILVA, Michelli Alessandra. **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado Livre, 2010. p. 357-376.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos emblemas sinais: morfologia e história**. Tradução de F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: Alguns Caminhos, In: **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, vol. 3/ Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes, organizadoras. São Paulo: Cortez, 2004. pg 53- 92.
- MUSTACCHI, Zan. Simpósio sobre síndrome de Down: Minhas oportunidades, minhas escolhas. **Conferência ministrada na X Comemoração do Dia Internacional da Síndrome de Down**. São Paulo: Memorial da América Latina, 2015.
- SANTOS, Jorge Viana. Subjetividade e Enunciação em Benveniste: fundamentos de uma semântica linguística. In: **Pesquisa em Estudos da Linguagem V**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. P. 35-56.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1988. Edição Original: 1916.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

STRATFORD, Brian. **Down's syndrome: past, present and future a understanding and positive guide for families, friend and professionals**. London: Penguin Books, 1989.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO. Disponível em:
<http://www.concordancia.letras.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=58>. Acesso em: 01 fev. 2015.